

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MULHERES JUDOCAS NO RIO GRANDE DO SUL: TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE IARA MARY DA CUNHA PAZOS

Ana Maria Kich¹

Josiana Ayala Ledur²

Introdução

O *Judô* é uma arte marcial de origem japonesa, desenvolvida por Jigoro Kano em 1882, a partir de técnicas originárias do *jujutsu*. A palavra *Judô* é expressa em seu idioma natal pela composição dos ideogramas “*Ju*” que significa suave, leve e “*Do*”, cujo significado é doutrina, via ou caminho (FRANCHINI; DORNELES, 2005), pelo qual o praticante terá não só condições de educar o corpo, mas também a mente e o espírito para poder “competir vitoriosamente” (KODOKAN JUDO, 1954; apud NUNES, 1998). Para Shinohara (2000), os ensinamentos do *Judô*, não são apenas físicos e técnicos, mas transcendem as palavras e os atos materiais e faz com que o aluno lute por seu intento, sendo capaz de aceitar com maturidade as regras de obediência proposta pelo seu professor.

A abordagem sobre os primórdios do judô feminino tem sido desenvolvida por autores que tem se dedicado ao tema ao longo dos anos, isto posto, buscaremos elucidar nas linhas que seguem, como Jigoro Kano, idealizador do judô, adaptou esta arte marcial às mulheres e como Drummond (2001) e Drummond e Mesquita (2009) abordam as discussões referentes às mulheres nas lutas.

Após ter idealizado o judô, em 1882, Jigoro Kano aproveitou que sua irmã mais velha havia se interessado pela prática, e ensinou-lhe golpes de fácil aplicabilidade até que adquirisse maior destreza. Este contexto, de ensino inicialmente familiar, passou então, a representar a forma como o judô teve início para as mulheres. Contudo, somente

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da UFRGS.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da UFRGS.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trinta e um anos depois, o instituto Kodokan inaugurou um departamento experimental de judô feminino. E, em 1923, oficializou-se a prática do judô por mulheres no Japão. Por outro lado, existem relatos de esposas ou irmãs de pessoas ligadas a Jigoro Kano que já praticavam a luta. Em 1934, começaram a ser ministrados cursos especiais para mulheres judocas pelos mestres Honda e Uzawa. Estes senseis preservavam o caráter não competitivo do judô. E já em 1952, o judô da Kodokan contava com mais de trezentas judocas.

Em estudos já realizados na área do judô feminino no Brasil, como o de Chuno Mesquita (1996) sobre o “Judô feminino e a quebra de preconceitos e mitos”, percebemos que muitos mitos da feminilidade que vieram à tona, como a beleza, a fragilidade física e a maternidade aparecem como deveres intrínsecos da mulher, servindo de âncora para a restrição da prática esportiva feminina em décadas passadas. Esses valores arraigados na cultura brasileira estimulavam a mulher a rejeitar a possibilidade de melhor desenvolver algumas valências físicas, como a força muscular.

No estudo de Edmundo Drummond (2001), intitulado “O Judô na Universidade: discutindo questões de gênero e idade”, observamos que durante algum tempo também utilizava-se como argumento para restringir a prática feminina do judô a preocupação de se preservar o corpo da mulher para a fertilidade e posterior maternidade e que, no caso de atividades com grande possibilidades de contato corporal, como é a condição das lutas, poderiam comprometer seus órgãos reprodutores.

Buscando estabelecer uma breve análise acerca do processo de difusão do judô feminino no Japão e como os autores vêm descrevendo de que forma as mulheres lutadoras eram vistas no Brasil, percebemos que existiam preconceitos fundamentados em estereótipos e crenças nos mitos da feminilidade, bem como havia uma preocupação com a integridade física da mulher lutadora, que poderia colocar em risco sua principal vocação: a maternidade.

O judô feminino teve início no Brasil na década de 1920 (GAMA, 1986) e não existe uma história oficial que relate com precisão como se deu esse processo. Sabe-se apenas que, imigrantes japoneses recém-chegados em Porto Alegre, na primeira década do século XX, inauguraram academias de judô. Acredita-se que as esposas e filhas destes descendentes também encontravam-se inseridas na prática. Porém, como não havia

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

respaldo legal, somente em 1980 as mulheres judocas deram início aos torneios nacionais e internacionais (SOUZA, MOURÃO, 2006).

Neste processo de consolidação do Judô no Rio Grande do Sul, o papel das mulheres, embora mais discreto, tem sido de grande relevância, uma vez que temos judocas mulheres atuando em diferentes espaços voltados à prática. Deste modo, este estudo busca reconstituir a participação das mulheres gaúchas no judô na década de 1970, a partir da narrativa da judoca brasileira Iara Mary da Cunha Pazos.

O norte do nosso caminho teórico-metodológico buscou sustentação a partir da História Cultural (BURKE, 2008; PESAVENTO, 2008) e da História Oral, a partir dos conceitos de ALBERTI (2005), a fim de apresentar uma narrativa histórica de representações do passado e formulando uma versão do já representado. Na mesma medida em que buscamos dar visibilidade às mulheres no campo das artes marciais. Para tanto, foi realizada a análise temática de uma entrevista, a qual foi confrontada com outras fontes, como reportagens de jornais e documentos institucionais, além da revisão bibliográfica sobre a história do judô.

Como justificativa, esta pesquisa visa contribuir para a preservação da história e memória do judô no Rio Grande do Sul, a partir da obtenção de informações acerca da presença das mulheres em clubes e outros espaços por onde se difundiu esta prática no estado.

Com intuito de investigar a trajetória esportiva de Iara Mary no judô sul-rio-grandense, partimos da perspectiva, que as mulheres ao ocuparem posto de atletas, professores e gestoras, se constituem enquanto sujeitos históricos, que vivenciaram e produziram determinadas práticas e representações culturais em diferentes tempos e lugares. De tal modo, por meio de suas lembranças, tornaram possível o acesso a informações que até então estiveram ausentes no tempo, significando através da memória, suas próprias práticas e representações culturais do esporte.

Na apresentação deste cenário, não podemos perder de vista, que o patamar atingido pelo judô no Brasil e no Rio Grande do Sul no tempo presente foi trilhado em tempos passados por atletas mulheres, que atingiram níveis de alto rendimento em um determinado tempo e contexto sócio-histórico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A narrativa, por sua vez, faz esta articulação entre passado e o presente, sendo possível, portanto, através da memória, reconhecer ou confirmar a autenticidade das lembranças. Nesta perspectiva, a História Oral tornou-se basilar para a estruturação do presente estudo por meio de uma reconstrução do vivido. As lembranças de Iara nos auxiliaram a traçar, historicamente, um cenário sociocultural do judô, em particular, da capital do estado do Rio Grande do Sul, cujas informações não podem ser generalizadas para outros estados e cidades brasileiras.

As informações obtidas por meio da História Oral foram confrontadas com a revisão bibliográfica e interpretadas na perspectiva do referencial teórico. Os resultados da análise foram organizados em tópicos e são apresentados na sequência.

A Trajetória de Iara Mary no Judô

Iara é natural de Porto Alegre, nasceu em 16 de Julho de 1962 e iniciou sua prática no judô, em 1975, quando tinha doze anos, na academia Sport Club Rui Barbosa em Porto Alegre, capital do estado. No Rui Barbosa, ficou pouco tempo, de outubro de 1975 até setembro de 1976, quando transferiu-se para a Academia Meibukan. O romper da sua trajetória no judô para as mídias impressas, aconteceu sob comando da professora Maria Hope, que esteve na Europa estudando judô.



Foto1: Jornal ZH FEMININA - 6/02/1977 - Porto Alegre/RS

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: arquivo Pessoal Iara Mary.

Na continuidade da trajetória, Iara trocou de academia, indo para Stylo, espaço onde teve aula com o sensei César Hernandez que a acompanhou de 1977 até o ano de 1990, quando ele mudou-se para o Uruguai. Iara destaca que neste período, sob orientação do Sensei César, sua postura esportiva deslanchou e conseguiu grandes resultados.



Foto 2: Registro do S. C. Rui Barbosa (1975).

Fonte: arquivo pessoal Iara Mary.



Foto 3: Registro da Meibukan (1976).

Fonte: arquivo pessoal Iara Mary.

A inserção de Iara nesta arte marcial foi motivada por aspectos, que podemos vincular a sentimentos de fragilidade, pois, segundo seu depoimento, quando criança, ela além de ser muito tímida usava cabelos compridos e muitas vezes teve os cabelos puxados

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ou “apanhava” de colegas, mas nunca conseguia reagir e ficava “chorando pelos cantos”, se via como alguém sem coragem. Um dia viu uma propaganda sobre artes marciais na televisão e pediu que sua mãe a levasse. A partir dali, começou a fazer o judô e a tomar conhecimento dos aspectos filosóficos dessa arte, que diferentemente do que ela pensava, não lhe ensinaria a bater em ninguém, mas sim lhe traria mais segurança (PAZOS, 2005).

Aspectos relacionados a preconceitos também surgiram em sua fala, sem ter o destaque esperado para o início do século XXI. Suas memórias apontam que não sofria preconceito pelos colegas de judô, mas sim, por pessoas de fora do círculo do judô, e por isso, evitava comentar que praticava o esporte, para não ser taxada de “sapatona”; expressão utilizada para referir mulheres que praticavam lutas (SOUZA; MOURÃO, 2006, 2011). Iara demonstra em sua fala que seu envolvimento com o judô, foi por amor ao esporte, como uma forma de autodefesa e auto-fortalecimento, em nenhum momento se sentiu subjugada ou inferiorizada por ser mulher, ou pretendeu usar o esporte como palco para alguma atividade.

Cabe destacar que, nos primórdios do judô feminino, no Brasil, a prática não era permitida por lei (Decreto-Lei n. 3.199 de 1941), quando configurado como esporte de competição. Tal decreto, proibia a prática de qualquer esporte considerado incompatível com as corretas e naturais condições e funções femininas.

Esta medida legal perdurou por mais de 30 anos e somente no final da década de 1970 foi alterada pela Deliberação nº 10 de 1979 do Conselho Nacional de Desportos (CND), a qual determinou: “às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma de modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observando o disposto na presente deliberação”

A partir desse momento, então, competições a nível estadual e nacional passaram a ocorrer com a presença das mulheres, tal como o Campeonato Estadual e Campeonato Brasileiro, com edições anuais. Por ter vivenciado esses momentos, Iara Mary comenta:

“Olha, na minha época, as competições eram pouquíssimas, porque, quando eu iniciei o judô era proibido, a competição era proibida para o feminino. Começou só em 1980, foi o primeiro campeonato brasileiro. Só tinha o campeonato estadual e o metropolitano. Não tinham competições na época, eram muito poucas” (PAZOS, 2005, p.4).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Corroborando com esse contexto, Nunes et al. (2005) inferem que na década de 1980, surgem os primeiros resultados de atletas mulheres do Rio Grande do Sul em competições internacionais. Inerente a esse contexto, Iara Mary participou do primeiro Campeonato Mundial de Judô, realizado em Nova York em 1980, tornando-se a primeira atleta a representar o Rio Grande do Sul em campeonatos mundiais.

Evidenciando tal participação, o “Jornal Folha da tarde”, no ano de 1980 publicou uma reportagem, falando sobre a participação de Iara Mary no Mundial. Ela é referenciada no texto como a campeã brasileira, que com 18 anos, seria a única gaúcha a ir ao Campeonato, que ocorreria entre 27 a 29 em Nova York. As rotinas de preparo para a referida competição seguiram as realizadas para o Campeonato Brasileiro, ocorrendo duas vezes por semana. Anteriormente, no ano de 1980, além de se tornar campeã brasileira, ela ainda havia se tornado campeã metropolitana e estadual. (GAUCHA..., 16 nov. 1980).

Iara prosseguiu no judô e anos depois concluiu o curso de graduação em Educação Física pelo IPA. Durante a jornada acadêmica teve que treinar solitária e, para isso, levava em seus materiais um elástico, que prendia em uma árvore no campus, para poder fazer as repetições de técnicas. Neste período sagrou-se campeã Brasileira Universitária e participou do Universíade.*

Rememorando sua trajetória esportiva, Iara cita os clubes por onde treinou na capital, como a Academia Ruy Barbosa, que ficava localizada na rua Riachuelo em Porto Alegre, Meibukan, na Academia Stylo, Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense (GFPA), no Sport Club Internacional e Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA).

A filosofia do caminho suave

A filosofia judoística aos poucos foi sendo interiorizada por Iara, ocupando espaço de grande valor em sua vida. Na investigação dos materiais consultados, percebe-se vestígios das falas de Mestre Jigoro Kano, na postura de Iara, como de nunca utilizar o que foi aprendido no *dojo* para machucar alguém, buscar o equilíbrio da mente e do corpo, a suavidade dos pensamentos e das ações, para trilhar o caminho do judô. São detalhes simples, mas que a filosofia do caminho suave se faz enraizar em todo praticante dedicado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na sua reflexão sobre a filosofia do judô, Iara comenta que seu professor, buscava contemplar todos os aspectos do caminho suave, a educação do corpo pela mente e a saúde da mente pela destreza do corpo, corroborando com os estudos de

*UNIVERSÍADE: Evento multidesportivo internacional, organizado para atletas universitários pela Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU). O nome é uma combinação das palavras Universidade e Olimpíada aludindo aos Jogos Olímpicos. A primeira Universíade aconteceu em 1959 em Turin, na Itália. Fonte: <https://www.une.org.br/dicionario-do-me/universiade/>

Mesquita sobre a quebra dos mitos e de Drummond ao manter um estilo de prática de luta, mas sem interferir realmente na estética feminina, a turma da Stylo buscava treinar o judô para fortalecer o corpo, se defender, mas sem nunca perder a feminilidade. Em outra parte da entrevista, Iara comenta que não usava roupas que pudessem realçar-lhe a silhueta, pois tinha braços fortes e não queria cair no estigma de que a mulher que lutava era grande e não delicada.

Reforçamos o questionamento sobre a atualidade do judô no estado do Rio Grande do Sul e transmissão filosófica aos alunos, pois, sua interpretação referente a alguns dojos com os quais ela tem contato, acabam por "pecar" neste quesito, posto que mencionou com pesar o fato de a maioria dos professores enxergarem somente o lado competitivo. Para ela, a filosofia do judô está se "perdendo total". Às crianças e jovens dessa nova geração, a filosofia é pouco transmitida, contudo, considera que a culpa não é deles, pois, se os senseis não ensinarem, os alunos nem tomarão conhecimento que existe.

Sua trajetória também foi marcada por momentos de dificuldades, posto que o judô quase teve que ser deixado de lado, tal como ocorreu quando ela chegou à idade de 17 anos, pois para ajudar com as finanças em casa, teria que começar a trabalhar. Naquele momento, sua mãe foi falar com o professor para interromper os treinos e um senhor ao ouvir isso, ofereceu emprego a ela com a condição de não parar de treinar e competir. Esse apoio foi um fatores que permitiu a Iara, ser a primeira mulher faixa preta reconhecida no Rio Grande do Sul, no ano de 1980. Consta que a primeira judoca a receber a faixa preta no estado, foi Léa Linhares, mas não teve sua graduação homologada pela Federação de Pugilismo do Rio Grande do Sul no ano de 1969. (LINHARES, 2003).

Pesavento (2008), nos traz em explanação uma das funções da História Cultural, a ideia do resgate de sentidos que podem ser conferidos ao mundo, e que podem ser manifestados por meio de imagens, palavras e, até mesmo situações práticas. Esse

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conceito nos permite tecer os fios de uma trama, que nos permite buscar e rerepresentar a cultura que se apresenta a partir de determinado momento vivido, posto que seus significados fazem a história das pessoas e de uma geração.

Ao confrontarmos as fontes, foi possível depreender que as mulheres estiveram presentes no tatames de judô desde os anos 1960, sendo sua presença devidamente reconhecida e homologada somente a partir dos anos 1980, como no caso de Lea Linhares que foi a primeira faixa preta do Rio Grande do Sul, mesmo sem o devido reconhecimento e homologação. Fato que a levou a deixar de lado a praticar o judô. Diferentemente de Iara, que teve sua graduação reconhecida e persistiu em sua trajetória na modalidade, obtendo resultados positivos em competições e até mesmo fora dos tatames.

Considerações Finais

As representações culturais e sociais percebidas por meio da trajetória de Iara no judô, contempla que dentro de uma sociedade constituída por diferentes grupos sociais, há um recorte com configurações intelectuais e sociais e práticas comuns, fazem reconhecer uma identidade, uma maneira particular, peculiar e quase exclusiva do grupo, simbolizando um estatuto, um código de conduta, por consequência a representação coletiva.

Relembrar as etapas da trajetória de Iara, nos permitiu traçar, historicamente, um cenário sociocultural do judô, em particular, da capital do estado do Rio Grande do Sul, principalmente após a década de 1970, cujas informações não podem ser generalizadas para outros estados e cidades brasileiras. Atingir o nível de satisfação dos objetivos justificados só foi possível através da pesquisa documental e confronto das fontes, novos questionamentos surgiram e foram sanados pelas história oral, que permite reviver as memórias e emoções.

Sua história, ao ser revisitada, muito nos remeteu a um dos pilares que baseiam a estrutura do judô, o “*JITA KYOEI*”, que significa em tradução ampla, prosperidade de benefícios mútuos, ou seja, representa uma ação onde todos vão receber algo bom, um benefício. Nossa leitura, diante desta perspectiva, reflete que a narrativa apresentada por Iara, traduz muito mais que sua continuidade no esporte, mas sim deu-nos a ver suas conquistas, suas lutas, suas renúncias, presenteando-nos assim, com uma “trilha”, a guiar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente aquelas que vieram após ela, o que exemplifica de modo pontual, a relação de benefícios futuros circunscritos ao “*JITA KYOEI*”.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. O judô na universidade: discutindo questões de gênero e idade. In: GUEDES, Onacir Carneiro. **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa, PB: Idéia, 2001.

ALVES JR., Edmundo de Drummond e MESQUITA, Chuno Wanderlei. **Usando as lutas na Educação Física escolar**. Ed.:UFF, 2009. Niterói – Rio de Janeiro.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BRUM, A. “**Mulheres que lutam**”: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Curitiba, 2016.

CHARTIER, Roger. **Estudos avançados 11(5)**. 1991 Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis.

FRANCHINI, Emerson; DORNELLES, Alfredo. **Judô**. In: Atlas do Esporte no Brasil, 2005.

GAUCHA VAI AO MUNDIAL NOS EUA. **Folha da tarde**, 16 de Novembro de 1980.

LINHARES, Léa M. C. Léa Maria Chaves Linhares I (depoimento, 2003). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte ESEF/UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49977/000728717.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MESQUITA, Chuno. **Judô Feminino: a quebra de preconceitos e mitos**, 1996. Disponível em: <http://www.judorio.org.br/fique_ligado/artigos/Artigo7_Chuno%20Mesquita.doc>. NUNES, Alexandre Velly. **Avaliação de atletas do Judô com alto rendimento: Perfil da seleção gaúcha-1997**. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Escola de Educação Física, 1998. 167p.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NUNES, Velly Alexandre; KOSMANN, Torres Fernanda; SHOURA, L. Maurício. Judô no Rio Grande do Sul. **In: Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2005, p. 33-34.

PAZOS, I. M. C.; PRONDRYSKI, E. P. T. **Iara Pazos e Eliane Pronrynski (depoimento, 2005)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

PASSOS, Iara. Entrevista a Adriana Brum. Em 30 ago 2015. Entrevista. In: Brum, Adriana “Mulheres que lutam”: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. Curitiba, 2016.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SHINOHARA, Massao. **Manual de Judô Vila Sônia**. São Paulo, 2000.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Narrativas do judô feminino brasileiro: Construção da Historiografia de 1979 a 1992**. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres do tatame: Judô feminino no Brasil**. Editor Mauad X Faperj. Rio de Janeiro, 2011.

UNE: <https://www.une.org.br/dicionario-do-me/universiade/> consultado em 09/08/2021